

## Artigos de pesquisa

# De sucatas à imaginação: Educação Ambiental por meio do brincar livre

## From scrap materials to imagination: Environmental Education through free play

Graciele Oliveira Pires<sup>1\*</sup> , Marilete Calegari Cardoso<sup>1</sup> , Ananda Vieira dos Santos<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED), Vitória da Conquista, BA, Brasil

**COMO CITAR:** PIRES, G. O.; CARDOSO, M. C.; SANTOS, A. V. De sucatas à imaginação: Educação Ambiental por meio do brincar livre. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 20, e20539, 2025. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riaee.v20i00.2053901>

### Resumo

O artigo aborda a relevância do brincar livre na Educação Infantil, com ênfase no uso de materiais não estruturados, como sucatas, para fomentar a criatividade e a imaginação infantil. Ao ressignificar objetos simples, as crianças exercem sua autonomia, ao mesmo tempo em que incorporam valores de sustentabilidade, promovendo a Educação Ambiental. O texto reflete sobre obstáculos enfrentados pelas instituições na implementação dessa prática, destacando a necessidade de formação contínua dos educadores. Como exemplo, é apresentado o projeto “Baú Brincante”, que utiliza materiais não estruturados para enriquecer as experiências lúdicas e pedagógicas. A pesquisa, de abordagem qualitativa e bibliográfica, evidencia os benefícios pedagógicos do uso de sucatas. Os resultados apontam que o brincar livre, associado à reutilização de materiais, exerce papel essencial no desenvolvimento infantil, fortalecendo a criatividade e a consciência ecológica das crianças.

**Palavras-chave:** brincar livre; imaginação; sucatas; sustentabilidade.

### Abstract

The article addresses the relevance of free play in Early Childhood Education, with an emphasis on the use of unstructured materials, such as recycled objects, to foster children's creativity and imagination. By re-signifying simple objects, children exercise their autonomy while incorporating sustainability values, thus promoting Environmental Education. The text reflects on the challenges faced by institutions in implementing this practice, highlighting the need for continuous teacher training. As an example, the “Baú Brincante” project is presented, which uses unstructured materials to enrich playful and pedagogical experiences. The qualitative and bibliographical research highlights the pedagogical benefits of using recycled materials. The results indicate that free play, associated with the reuse of materials, plays an essential role in child development, strengthening children's creativity and ecological awareness.

**Keywords:** free play; imagination; scrap materials; sustainability.

## INTRODUÇÃO

Meu quintal é maior do que o mundo.  
Sou um apanhador de desperdícios:  
Amo os restos  
como as boas moscas.

Queria que a minha voz tivesse um formato de canto.  
Porque eu não sou da informática: eu sou da invencionática.  
Só uso a palavra para compor meus silêncios.  
(Manoel de Barros, 2010).

No universo poético de Manoel de Barros, os restos e os silêncios ganham vida, transformando-se em canto e invenção. Essa mesma lógica pulsa no brincar livre, em que a infância encontra

**\*Autor correspondente:** [gracipirees@gmail.com](mailto:gracipirees@gmail.com)

**Submetido:** Agosto 22, 2025

**Revisado:** Novembro 09, 2025

**Aprovado:** Novembro 10, 2025

**Fonte de financiamento:** Programa Interno de Auxílio Financeiro a Projetos de Pesquisa e Inovação – AuxPPI (Termo de Outorga nº 028/2022, doc. 00058346744, Edital 035/2020).

**Conflitos de interesse:** Não há conflitos de interesse.

**Aprovação do comitê de ética:** Comitê de Ética CAAE – 19577219.9.0000.0055 – Parecer 3.668.776.

**Disponibilidade de dados:** Os dados de pesquisa estão disponíveis no corpo do artigo. Trabalho realizado na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Vitória da Conquista, BA, Brasil.



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution (<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.

poesia nas coisas simples e esquecidas. Brinquedos surgem de galhos, caixas viram castelos, e o mundo se expande a partir do que seria descartado. Assim como o poeta ressignifica a palavra, a criança ressignifica o objeto, criando universos enquanto pratica, sem saber, a sustentabilidade. É na leveza do improviso e na magia do inesperado que se cruza o espírito do brincar.

Nesse cenário, as tramas do brincar livre e a infância revelam-se como um portal, no qual a imaginação transforma o ordinário em extraordinário. Nesse contexto, os materiais não estruturados tornam-se artefatos repletos de possibilidades, conectando a criança ao mundo ao seu redor, não como uma aprendiz do adulto, mas como uma criadora de histórias. Inspiradas pelas palavras de Manoel de Barros (2010), “sou da invencionática”, percebemos que a criança, em seu processo brincante, ressignifica o que encontra, atribuindo novas formas e funções aos objetos. Dessa forma, o brincar, aliado a uma educação sustentável e ecológica, surge como um ato potente de invenção e pertencimento, no qual a criança transforma o desafio em surpresa, revelando novos sentidos e significados para o mundo.

Salientamos que o presente estudo nasce da necessidade de abordar as possíveis relações entre sustentabilidade, brincar livre e suas potencialidades para despertar o imaginário infantil através dos resultados e discussões de um projeto de pesquisa intitulado “Baú Brincante<sup>1</sup>: O potencial dos materiais não estruturados para o brincar livre das crianças da Educação Infantil”, que tem como intencionalidade explorar o Baú Brincante, compreendendo como seus materiais não estruturados/sucatas promovem o brincar livre e difundem a cultura lúdica na Educação Infantil.

E é nesse viés que o brincar livre conecta as crianças a experiências criativas e significativas, em que, assim como nos versos de Manoel de Barros (2010), elas se tornam “apanhadoras de desperdícios”, transformando materiais não estruturados em possibilidades para criar, recriar e dar forma à sua imaginação. Esse processo, marcado pela simplicidade e inventividade, fortalece a cultura lúdica infantil, permitindo que cada brincadeira seja um “canto” único de expressão e integração com o mundo mais sustentável e ecológico. Cardoso (2018) enfatiza que, ao brincar, as crianças exploram sua criatividade e imaginação, experimentando a liberdade e produzindo novos estados existenciais e culturais da infância.

Partindo desse direcionamento, a Educação Ambiental é frequentemente aplicada por meio de projetos escolares que envolvem os alunos com questões ambientais, como por exemplo, projetos como o Baú Brincante. Esse tema é amplamente tratado como um tema transversal no currículo, conforme estabelece a Lei nº 9.795/1999, que institui a Política Nacional de Educação Ambiental (Brasil, 1999). De acordo com a legislação, a Educação Ambiental deve ser integrada de maneira articulada em todos os níveis e modalidades de ensino, tanto na educação formal quanto na não formal. De acordo com Segura (2001, p. 21):

A escola foi um dos primeiros espaços a absorver esse processo de “ambientalização” da sociedade, recebendo a sua cota de responsabilidade para melhorar a qualidade de vida da população, por meio de informação e conscientização.

Além disso, a Educação Ambiental nas escolas exerce um papel fundamental na formação de uma sociedade mais crítica, reflexiva e sustentável. Contudo, muitos professores enfrentam diversos desafios para integrar temas ambientais no dia a dia escolar. Visto que o educador necessita assumir o papel de mediador, buscando conhecimento contínuo e incentivando nos alunos uma consciência reflexiva sobre as questões ambientais.

Vale ressaltar que a adoção de sucatas exige uma mudança na concepção de recursos pedagógicos, rompendo com o consumo de brinquedos industrializados e demandando um olhar crítico sobre o reaproveitamento e a sustentabilidade. Soma-se a isso o desafio de preparar educadores para exercerem suas atribuições como mediadores em um processo que não segue roteiros rígidos, mas sim o ritmo e as descobertas das próprias crianças. Essa

<sup>1</sup> O projeto contou com a parceria entre o Grupo de Pesquisa - GEPEL, da Universidade Federal da Bahia - UFBA e o Grupo de Estudos - GEPELINF, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB, e foi desenvolvido em uma determinada creche na cidade de Jequié-BA. Trata-se de um artefato brincante ou lúdico que dá suporte para fomentar as experiências do brincar livre de crianças do Ensino Fundamental I, assim como um espaço de experiência e formação para educadores acerca do brincar e da cultura lúdica da criança (Cardoso, 2018).

conjuntura aponta para a necessidade de debates mais profundos sobre as resistências culturais e institucionais que ainda limitam a inserção de práticas lúdicas transformadoras na Educação Infantil.

Nos espaços educativos, é comum encontrar brinquedos industrializados, caracterizados como “[...] produzidos em larga escala, dominando o mercado e sendo responsáveis pela grande demanda” (Lima; Martins; Abreu, 2021, p. 88). Além desses, há também materiais conhecidos como não estruturados, definidos por Cardoso (2018), como artefatos, objetos recicláveis manuseados pelas crianças enquanto brincam, ganhando novos sentidos, por aquelas que brincam, e que potencializam as experiências do brincar livre. Logo, é possível perceber a diferença entre o uso de brinquedos industrializados/estruturados, que são comercializados de forma pronta e objetiva, e o uso de materiais não estruturados, que permitem transformar qualquer utensílio em brinquedo, despertando o imaginário e a criatividade da criança.

Em consonância com essa perspectiva, a Resolução CNE/CEB nº 1/2024 reconhece a importância de ambientes educativos diversificados e orienta que as práticas pedagógicas assegurem momentos diários nos espaços externos, favorecendo o contato com a natureza e o brincar livre como direito das crianças (Brasil, 2024). Entretanto, ainda há um distanciamento entre o que a legislação propõe e o que se concretiza nas instituições, onde o brincar segue, muitas vezes, restrito a ambientes fechados.

Apesar de inúmeras potencialidades do brincar livre e do uso de sucatas, por serem “[...] objetos muito ricos, que não custam nada e que muitas vezes estariam poluindo o meio ambiente por não serem biodegradáveis”, como já defendia (Machado, 2001, p. 42), alguns desafios ainda se colocam à prática educativa nesse contexto. Haja vista o que as pesquisas na área da Educação Infantil (Tiriba, 2018; Santos; Gomes; Iared, 2023; entre outros), indicam, as crianças estão cada vez mais confinadas às salas de aula, com tempo reduzido para investigar espaços externos. Esses estudos apontam ainda que, devido ao sedentarismo e processo de globalização, as pessoas têm se afastado dos ambientes naturais, o que implica em aspectos da saúde e pedagógicos, em especial nas crianças (Santos; Gomes; Iared, 2023).

O afastamento das crianças da natureza tem provocado efeitos preocupantes, como obesidade, miopia, depressão e TDAH, conforme destaca Louv (2016) ao formular o conceito de Transtorno do Déficit de Natureza (TDN)<sup>2</sup>. Para o autor, embora as crianças conheçam as ameaças ambientais, elas têm cada vez menos contato direto com o mundo natural, o que reduz as oportunidades de brincar ao ar livre e empobrece as experiências sensíveis, estéticas e criativas.

Segundo Tiriba (2024), o paradigma da modernidade consolidou uma visão de natureza como objeto de domínio humano, sustentada pelo divórcio entre corpo e mente e pelo distanciamento entre sujeito e objeto fundamentos de uma ciência voltada ao controle e à instrumentalização do mundo natural. Inserida nesse contexto, a instituição escolar contribuiu historicamente para o emparelhamento das crianças, formando corpos dóceis e disciplinados, ajustados às exigências do capitalismo e distanciados dos ritmos e movimentos da vida natural.

Segundo Oliveira, Souza e Araújo (2019), no contexto atual, marcado pela lógica da Indústria Cultural do consumo, os brinquedos industrializados/estruturados e tecnológicos se destacam como referências importantes na vida das crianças. Logo, os autores destacam:

O entretenimento, a brincadeira, a imaginação e a fantasia são condicionados ao processo de persuasão, manipulação e sedução da mercadoria, tendo como porta-voz a Indústria Cultural que estimula os indivíduos (crianças e adultos) ao processo consumista da mercadoria do brinquedo tecnológico (Oliveira; Souza; Araújo, 2019, p. 29).

Surgem diversos questionamentos em torno da temática: Quais são os desafios enfrentados pelas instituições ao incorporar práticas de brincar livre com materiais não estruturados? Até que ponto os educadores estão preparados para mediar essas experiências sem limitar a criatividade infantil? Como superar a cultura escolar tradicional, que prioriza atividades padronizadas, em favor de práticas mais abertas e espontâneas? E será que o uso de materiais não estruturados é plenamente compreendido como uma oportunidade de promover a

<sup>2</sup> O Transtorno de Déficit de Natureza (TDN) é um fenômeno identificado em pesquisas científicas que destacam a importância do contato com a natureza para o desenvolvimento saudável das crianças, tanto físico quanto mental (Louv, 2016).

sustentabilidade ou ainda enfrenta resistência nas comunidades escolares e familiares? Esses questionamentos refletem a complexidade de implementar práticas que respeitem a autonomia infantil enquanto dialogam com os desafios sociais e ambientais atuais.

Como contraponto a esse cenário, Louv (2016, p. 234-235) apresenta o conceito de “Ecoescolas”<sup>3</sup>, a proposta é integrar o ambiente natural à estrutura escolar, transformando pátios, jardins e terrenos em espaços vivos, férteis para o brincar e a experimentação. Esse processo, denominado pelo autor de “naturalizar seus terrenos”, reafirma o papel fundamental da escola na garantia do direito das crianças ao contato diário com a natureza, sobretudo nos contextos urbanos, em que esse acesso é cada vez mais restrito.

Considerando o contexto abordado e com base nas fissuras e questões acima levantadas, surge o interesse em investigar como a utilização de sucatas/materiais não estruturados, aliados ao brincar livre, pode contribuir para a Educação Ambiental das crianças, promovendo criatividade, consciência ecológica e valores sustentáveis por meio de práticas lúdicas e interativas. Como destaca Tiriba (2018), os ambientes ao ar livre podem funcionar como verdadeiras salas de aula naturais, aliados à natureza, são territórios de encantamento e diversidade, que despertam interações, investigações e brincadeiras contínuas.

Portanto, o brincar livre, especialmente quando mediado pelo uso de materiais não estruturados, constitui-se como uma prática educativa transformadora para impulsionar o processo criativo e a consciência ambiental na Educação Infantil. Contudo, para que tais práticas se consolidem, é necessário enfrentar os desafios impostos por resistências culturais e institucionais, repensando o papel do educador e a estrutura das práticas pedagógicas. Assim, iniciativas como o projeto Baú Brincante reforçam a importância de integrar propostas inovadoras que dialoguem com os contextos sociais, ambientais e educacionais, contribuindo para a formação de sujeitos criativos e conscientes.

## METODOLOGIA

O presente estudo adota uma abordagem qualitativa, com o objetivo de compreender de forma aprofundada as práticas e os significados atribuídos ao brincar livre, mediado por materiais não estruturados, no ambiente educacional. Conforme aponta Gil (2008), a pesquisa qualitativa visa a explorar fenômenos em seu contexto natural, focando na interpretação detalhada das interações e dinâmicas observadas, sem a intenção de quantificar os dados, mas de captar a riqueza das experiências vivenciadas.

A pesquisa Baú Brincante foi desenvolvida entre o período de outubro de 2022 a agosto de 2025, numa determinada creche universitária, que atende crianças de zero a cinco anos e que está localizada no município de Jequié- Bahia, sempre às quintas-feiras, no turno da tarde, quando materiais não estruturados, como garrafas, liquidificadores, telefones e fantasias, eram disponibilizados para brincadeiras livres.

Os dados foram coletados por meio de observações, narrativas orais, registros fotográficos e diário de campo, registrando experiências vivenciadas com as crianças. Ao acompanhar de perto as interações das crianças com os materiais não estruturados para produção das brincadeiras, foi possível capturar nuances sutis de criatividade, e cenas que em outras ocasiões poderiam fugir aos olhares dos adultos.

Para a feitura deste artigo, apresentaremos, inicialmente, uma discussão acerca do brincar livre e Educação Ambiental, fomentando criatividade e consciência ecológica na infância e também, a sustentabilidade e consciência crítica e os benefícios do brincar livre com sucatas, dialogando com autores como Brougère (2021), Kishimoto (2003, 2010), Kishimoto e Freyberger (2012), Girardello (2011), Buckingham (2011) e Fochi (2015), que analisam o papel do lúdico na formação infantil. Posteriormente, apresentamos resultados da pesquisa sob reflexões à luz das contribuições de Piorski (2016), Damas (2023), Meirelles e Horn (2017), Tiriba (2018, 2024), entre outros, cujas reflexões ampliam a compreensão sobre o uso de materiais não

<sup>3</sup> Instituições planejadas ou adaptadas para integrar a natureza ao cotidiano escolar. Tais experiências são relatadas principalmente em contextos europeus, com iniciativas conhecidas como “escolas ao ar livre” e “escolas naturais”.

estruturados e sua relevância para desenvolvimento infantil e a importância de práticas lúdicas e sustentáveis na educação.

## **BRINCAR LIVRE E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: FOMENTANDO CRIATIVIDADE E CONSCIÊNCIA ECOLÓGICA NA INFÂNCIA**

O brincar desempenha um papel fundamental no desenvolvimento infantil, permitindo que as crianças se relacionem com o mundo ao seu redor de forma ativa e criativa. Quando relacionado ao uso de materiais não estruturados, como sucatas, esse processo torna-se ainda mais significativo, pois desperta a imaginação, invenção e autonomia da criança. Como Brougère (2021) aponta, o brincar é um ato social e cultural, no qual a criança não apenas descobre suas capacidades, mas também constrói um entendimento de seu papel no mundo.

Dessa maneira, ao integrar práticas de brincar livre e sustentabilidade, como o uso de materiais não estruturados, é possível fomentar a consciência ambiental e a criatividade, proporcionando experiências lúdicas que conectam as crianças com o mundo de maneira significativa, sustentável e ecológica. Segundo os autores Terra e Coelho (2005, p. 313):

Um retrospecto da questão ambiental no Brasil mostra que as primeiras iniciativas governamentais mais objetivas de proteção ao meio ambiente ocorreram na década de 1930. Por exemplo, em 1934, foi instituído por lei o Código de Águas (aplicado até os dias atuais), que regulamentou a utilização e a proteção dos recursos hídricos, e aprovado o Código Florestal.

Ao refletir sobre a crise ambiental e suas causas, impulsionada pela industrialização e pelo consumismo, pode-se constatar que ela gerou as primeiras iniciativas governamentais de proteção no Brasil, como a criação do Código de Águas e do Código Florestal na década de 1930 (Terra; Coelho, 2005). Essas ações destacam a necessidade da Educação Ambiental, que deve ser integrada à formação das novas gerações. Nesse contexto, práticas como o brincar livre podem desempenhar um papel importante, potencializando a consciência ecológica e um olhar reflexivo acerca dos desafios ambientais, contribuindo para um futuro mais sustentável. Nessa ótica, Segura (2001, p. 165) assevera:

Quando a gente fala em educação ambiental pode viajar em muitas coisas, mais a primeira coisa que se passa na cabeça ser humano é o meio ambiente. Ele não é só o meio ambiente físico, quer dizer, o ar, a terra, a água, o solo. É também o ambiente que a gente vive – a escola, a casa, o bairro, a cidade. É o planeta de modo geral [...].

Como se pode observar, a Educação Ambiental se torna ainda mais relevante quando analisada sob o viés apresentado anteriormente, que destaca a importância do brincar livre e do uso de materiais não estruturados para o desenvolvimento infantil. Tendo em vista que a “[...] conscientização é muito importante e isso tem a ver com a educação no sentido mais amplo da palavra [...] conhecimento em termos de consciência [...]” Segura (2001, p. 165). Nessa perspectiva, em um mundo marcado pela industrialização, globalização e consumismo, a relação das crianças com o ambiente natural precisa ser repensada e o brincar livre pode ser um grande facilitador desse processo.

Ademais, o uso de materiais simples incentiva a criatividade infantil, potencializa a imaginação e promove valores sustentáveis, ajudando as crianças a compreenderem sua conexão com o mundo e a importância de um convívio mais equilibrado e responsável com a natureza, uma vez que esses materiais, em contexto educativo, “[...] ganham nova(s) vida(s) nas construções, brincadeiras e criações das crianças” (Damas, 2023, p. 73).

E é nesse enfoque, que o brincar livre e a Educação Ambiental podem caminhar juntos, contribuindo para o desenvolvimento de uma geração mais consciente e comprometida com a preservação ambiental. Conforme Damas (2023, p. 73) “[...] as crianças ficaram mais sensibilizadas e despertadas para o aproveitamento de certos materiais em detrimento do seu abandono ou envio para o lixo”. Nessa direção, o brincar livre com materiais não estruturados/sucatas desponta como uma prática educativa transformadora, pois como destaca Damas (2023), esses materiais, ao serem explorados em contextos educativos, ganham novas funções

e sensibilizam as crianças para a importância de preservar o meio ambiente. Assim, à medida que a criança brinca, ela aprende a se expressar, criando e recriando novos brinquedos e participando de novas experiências.

Em vista disso, é importante destacar que a capacidade de criar e imaginar, embora intrínseca à criança, precisa ser despertada e ampliada. Sendo assim, os elementos do cotidiano, como as sucatas e os materiais não estruturados, com diferentes texturas e formas, incentivam essa imaginação e permitem que a criança se expresse e interaja com o ambiente. Como salienta Piorski (2016, p. 63):

[...] a imaginação da criança não resiste ao apelo da vida material, pois seu alimento, sua proliferação, está na matéria do mundo. Há aqui uma vida espelhada: a imaginação é dada à substância material, assim como a matéria é à imaginação. As duas coabitam num devir dinâmico, criador de novas imagens.

Além disso, a “[...] imaginação é para a criança um espaço de liberdade e de decolagem em direção ao possível, quer realizável ou não” Girardello (2011, p. 76). Logo, a imaginação é um elemento essencial que permeia os momentos do brincar livre das crianças, especialmente em espaços livres e com materiais diversos, onde elas podem explorar livremente, interagir com meios reais ou fictícios e criar mundos inteiros (Girardello, 2011). Paralelo a estas considerações, é possível inferir que o desejo de explorar e concretizar o imaginário impulsiona novas descobertas e abre múltiplas possibilidades. Em suma, o brincar livre associado à Educação Ambiental apresenta-se como uma prática poderosa para fomentar a criatividade, a consciência ecológica e o senso de pertencimento das crianças ao mundo.

## **SUSTENTABILIDADE, CONSCIÊNCIA CRÍTICA E OS BENEFÍCIOS DO BRINCAR LIVRE COM SUCATAS**

O brincar livre, enquanto prática fundamental no desenvolvimento infantil, constitui-se como um elemento central na formação cognitiva, afetiva e psicomotora das crianças. Como já enfatizado anteriormente, ao participar desse processo de interação espontânea com o mundo, a criança transita por um universo de possibilidades onde sua criatividade se manifesta e suas relações sociais e emocionais se constroem de maneira autêntica.

No contexto educacional, é imperativo que o ambiente escolar se torne um espaço privilegiado para o desenvolvimento dessas experiências lúdicas, sendo imprescindível que educadores reconheçam o brincar não apenas como uma forma de diversão, mas como uma ação que potencializa a aprendizagem e a formação integral do ser humano. O brincar, como delineado por Kishimoto (2010), é uma ação livre que emerge do próprio desejo da criança, uma prática que se configura e se reorganiza a cada instante, sem amarras externas, permitindo à criança o direito de se expressar plenamente.

Neste cenário, algumas questões ganham relevância e orientam sua proposta: Como as instituições educacionais podem organizar seus espaços e tempos para que o brincar livre seja valorizado como um direito das crianças? De que forma as práticas pedagógicas podem integrar o uso de materiais não estruturados, como as sucatas, para nutrir tanto a criatividade quanto a consciência crítica e ambiental dos pequenos? Essas indagações servem como ponto de partida para refletir sobre o papel do educador, que não se limita à observação passiva do brincar, mas se coloca como mediador ativo neste processo.

Observando as práticas pedagógicas contemporâneas, é possível perceber uma crescente valorização do brincar livre, mas também uma importante necessidade de transformação nos espaços educacionais, que muitas vezes ainda não proporcionam condições adequadas para que o brincar aconteça de maneira plena. As instituições devem criar ambientes que favoreçam a autonomia da criança, permitindo-lhe explorar o mundo por meio de suas próprias experiências, seja ao ar livre, seja no uso de materiais que ela mesma pode transformar.

Nesse panorama, o uso de sucatas surge como uma excelente alternativa, pois, ao manipular materiais recicláveis, a criança expressa sua criatividade e engaja em um processo de conscientização ambiental. O que antes seria descartado torna-se matéria-prima para a criação de novas realidades, ampliando o horizonte das possibilidades de construção e de



reflexão sobre o consumo, o desperdício e a sustentabilidade. Assim, a prática de brincar com sucatas não se limita a uma simples atividade recreativa, visto que, ao dar novos significados aos objetos, as crianças exercitam suas habilidades motoras e cognitivas, e aprendem simultaneamente a reconfigurar o ambiente ao seu redor, compreendendo, desde cedo, a importância de repensar as formas de consumo e de produção de lixo.

Esse movimento de ressignificação de materiais e de ideias também favorece o desenvolvimento das competências sociais e emocionais das crianças. O brincar com sucatas, frequentemente realizado em grupos, permite que elas desenvolvam habilidades como a negociação, a colaboração e a resolução conjunta de problemas. Isto é, os materiais não estruturados, oferecem um campo fértil para a experimentação e inovação, permitindo que a criança crie e transforme objetos, dando-lhes novos significados e usos, conforme suas próprias percepções e necessidades. Desse modo, esses materiais são uma janela para o mundo cotidiano, onde as crianças podem manipular e explorar objetos que fazem parte do seu universo (Buckingham, 2011).

À luz desse entendimento, as sucatas podem ser consideradas como materiais não estruturados, visto que são objetos simples, originalmente destinados a finalidades específicas, mas que, quando manipulados pelas crianças, podem adquirir uma variedade de novas utilizações. Nas mãos das crianças, elas ganham vida e elementos como tecidos, papelão ondulado, caixas de leite e madeira compensada, por exemplo, podem ser transformados em diferentes construções que facilitam as brincadeiras infantis (Kishimoto; Freyberger, 2012). Diferentemente dos brinquedos industrializados, que geralmente possuem uma única função predeterminada, os objetos feitos a partir de materiais não estruturados incentivam e permitem que as crianças os reinventem. Nessa perspectiva, Fochi (2015, p. 131) traz a seguinte menção:

[...] acompanhar um grupo de crianças pequenas com materiais não estruturados pode trazer muitas questões para serem refletidas sobre o trabalho pedagógico, mas, sobretudo, pode ser uma pauta de observação para o adulto sobre as crianças e a construção dos seus saberes. Ao mesmo tempo, do ponto de vista da dinâmica do trabalho pedagógico, esses materiais criam uma atmosfera em que a imprevisibilidade ocupa um espaço importante: não sabemos o que as crianças farão e que sentido darão para eles naquele espaço com outras crianças.

Portanto, ao integrar o brincar livre e o uso de sucatas no contexto pedagógico, o educador contribui para a construção de um ambiente de aprendizagem que desperta a conscientização crítica sobre as questões ambientais. Nesse espaço de liberdade e criatividade, a criança se estabelece como protagonista ativa, capaz de refletir sobre o mundo e transformar sua realidade. Assim, o brincar livre é um potente impulsionador, capaz de integrar as diversas dimensões do desenvolvimento infantil, preparando a criança para os desafios do futuro de maneira criativa, responsável e consciente.

## EXPERIÊNCIAS PRÁTICAS: DESAFIOS E POTENCIALIDADES

Conforme abordado no tópico anterior, a exploração de materiais não estruturados, como sucatas e objetos descartados, configura-se como uma poderosa estratégia pedagógica que transcende a simples utilização de materiais. Ao transformar o que parece ser meramente descartável em um campo propício para o brincar livre, essa prática promove a criatividade e a autonomia das crianças, bem como, favorece a reflexão sobre o consumo e o descarte de recursos. Neste contexto, o Projeto Baú Brincante emerge como uma concretização prática dessa proposta, oferecendo uma vivência que integra, de forma harmônica, a ludicidade, a sustentabilidade e o desenvolvimento infantil.

O Projeto Baú Brincante, iniciado em 2017 em uma escola pública de Jequié- Bahia, dispõe de materiais não estruturados para promover o brincar livre e a criatividade infantil. O projeto permite que as crianças transformem objetos descartados em novos brinquedos, incentivando a reinvenção e o pensamento crítico. Segundo Cardoso (2018) o Baú Brincante oferece uma experiência pedagógica rica, favorecendo a reflexão sobre a cultura lúdica e despertando

educadores a repensar suas práticas. Entre 2022 e 2025, o projeto se expandiu para uma creche universitária da UESB, ampliando seu alcance para a Educação Infantil.

Sob essa perspectiva, a implementação do Baú Brincante surge como uma experiência prática, concretizando os conceitos discutidos neste estudo, pois ele oferece um espaço onde as crianças brincam livremente com materiais não estruturados. Dessa forma, o Baú apresenta-se como um ambiente de experimentação pedagógica, no qual educadores e alunos vivenciam, de maneira palpável, os benefícios da prática lúdica e sustentável, reconhecendo o poder transformador das sucatas/ materiais não estruturados.

No âmbito desta proposta, a seguir, são apresentadas imagens que documentam a vivência das crianças no ambiente do Baú Brincante. As fotografias capturam momentos emblemáticos em que os alunos, ao manusear materiais não estruturados, se envolvem em práticas que potencializam a criatividade e a inventividade. Esses registros visuais, conforme ilustrado na figura 1, ressaltam o poder transformador do brincar livre, evidenciando como objetos simples, como pedaços de papelão, blocos de madeira e aparelhos descartados, são ressignificados pelas crianças, tornando-se elementos de novas narrativas e mundos imaginativos.



**Figura 1.** O brincar livre das crianças com os materiais não estruturados do Baú Brincante.  
**Fonte:** Acervo pessoal (2023).

Como ilustrado, e em conformidade com as ideias de Bomtempo (2011, p. 75), observa-se que “[...] o brinquedo aparece como um pedaço de cultura colocado ao alcance da criança. É seu parceiro na brincadeira. A manipulação do brinquedo leva a criança à ação e à representação,



ao agir e ao pensar”. Sendo assim, é possível analisar que as crianças assumem um papel ativo e criador na brincadeira, enquanto o brinquedo não estruturado atua como um facilitador, permitindo-lhes explorar novas possibilidades. Por exemplo, uma simples caixa de papelão, originalmente considerada um objeto descartado, pode ser transfigurada pela imaginação da criança, transformando-se em um carro, uma casa ou até mesmo uma espaçonave.

Assim, o processo de recriação amplia o repertório simbólico e criativo das crianças, ressaltando o papel do brincar como forma de expressão e aprendizado. Nessa perspectiva, os materiais utilizados no ato de brincar, especialmente os não estruturados, oferecem um vasto campo de possibilidades, pois não impõem usos predeterminados. São elementos que despertam a curiosidade e incentivam a exploração criativa, permitindo que a criança atribua significados próprios e ressignifique suas experiências. Como afirma Silva (2019, p. 4):

Os materiais não determinam previamente como devem ser usados. Não apresentam função única, geram dúvida, fazem a criança pensar e criar através dos seus critérios. Quem significa, ressignifica ou determina seu uso é a criança, durante a exploração. Percebemos assim que o material não estruturado tem muitos Territórios de Aprendizagem e experiências artísticas [...].

Durante essa prática, como evidenciado na Figura 2 a seguir, observou-se que as sucatas, ou seja, os materiais não estruturados, funcionam concomitantemente como elementos lúdicos e como pontos de conexão com a realidade social e cultural das crianças.



**Figura 2.** Cenas do cotidiano tecidas pelo brincar das crianças.

**Fonte:** Acervo pessoal (2023).

Desse modo, os materiais previamente destinados ao lixo foram resgatados e integrados ao Baú Brincante, onde passaram a desempenhar novas funções no universo criativo das crianças. Ao manipulá-los, os pequenos frequentemente os associavam a papéis de trabalho, recriando de forma espontânea cenários que refletiam a rotina do mundo adulto. Esse tipo

de brincadeira, que pode ser caracterizado como faz de conta ou simbólica, como define Kishimoto (2003, p. 39), “[...] deixa mais evidente a presença da situação imaginária” ao permitir que a criança explore diferentes experiências e significados.

Ademais, ao trazerem sentido para esses materiais, as crianças revelam como o ato de brincar vai além da simples imitação; atuando como um espaço de aprendizagem em que elas podem experimentar e vivenciar diferentes papéis, transformando a realidade em uma extensão de sua própria imaginação. Essa prática demonstra a importância da reutilização de materiais não estruturados, como as sucatas, que, ao serem ressignificados no universo lúdico, proporcionam novas oportunidades de criação e descobertas, reafirmando a relação entre o brincar e a construção de saberes.

Conforme ilustrado na Figura 3, o momento espontâneo em que a criança interage com blocos de madeira, empilhando-os de maneira natural, evidencia a liberdade do brincar. Essa atividade permite à criança explorar e experimentar conceitos como equilíbrio, proporção e construção.



**Figura 3.** Entre blocos e achados, as crianças exploram e criam.

**Fonte:** Acervo pessoal (2023).

Além de favorecer a criatividade e a autonomia, a brincadeira contribui para o desenvolvimento de habilidades cognitivas, como percepção espacial e coordenação motora. Como afirmam Goldschmied e Jackson (2006, p. 152), “[...] elas selecionam, discriminam e comparam, arrumam em séries, empilham e testam seu equilíbrio, com habilidade crescente e satisfação”. Dessa forma, o ato de brincar com esses materiais promove a expressão individual e fortalece competências essenciais à infância, ampliando a confiança e a capacidade de resolução de problemas.

Considerando esse contexto, as ações das crianças, como empilhar, agrupar ou explorar de diferentes maneiras os materiais disponíveis, demonstraram como o brincar é intrinsecamente conectado ao ato de descobrir e experimentar. Conforme ressalta Meirelles e Horn (2017), não existe um modelo correto ou incorreto de interação com esses objetos; o processo

é, por essência, aberto e livre. De forma complementar, Buckingham (2011) enfatiza que materiais descartados podem ser transformados em valiosos “tesouros” lúdicos, reafirmando a importância de iniciativas como o Baú Brincante, que transcendem o ato de brincar, criando um espaço de experimentação repleto de possibilidades criativas e formativas.

A partir das experiências proporcionadas pelo Baú Brincante, conclui-se que a interação das crianças com materiais não estruturados evidencia o poder transformador do brincar livre. Diante dessa realidade, objetos antes descartados ganham novas funções, tornando-se fontes de criatividade e aprendizado. Ao manipular esses materiais, as crianças aprimoram suas habilidades cognitivas e motoras, enquanto reinterpreta a realidade ao atribuir significados próprios. Além disso, o projeto promove a sensibilização sobre a sustentabilidade, inculcando nas crianças a importância do cuidado com o meio ambiente. Assim, o Baú Brincante se configura como um espaço pedagógico integral, no qual imaginação, criatividade e responsabilidade socioambiental se entrelaçam.

## CONCLUSÃO

O brincar livre, mediado pelo uso de materiais não estruturados, como sucatas, é uma prática pedagógica fundamental para o desenvolvimento integral da criança. Ao transformar objetos descartáveis em novas possibilidades, as crianças exercem sua criatividade e autonomia, ao mesmo tempo em que estabelecem uma relação mais profunda com o ambiente ao seu redor. Essa abordagem é um convite para as crianças se envolverem de forma ativa na criação de seus próprios mundos, descobrindo e aprendendo de maneira única.

Iniciativas como o Projeto “Baú Brincante” exemplificam o impacto transformador dos materiais não estruturados. Ao integrar ludicidade e sustentabilidade, o projeto oferece às crianças a oportunidade de explorar e criar com materiais simples, incentivando-as a repensar o consumo e a valorizar a reutilização. Sendo assim, essa prática educativa amplia o horizonte da criança e a conecta a questões ambientais de forma prática e significativa.

Contudo, para que essas práticas se tornem mais presentes nas escolas, é necessário que os espaços educativos se abram para novas possibilidades pedagógicas. O uso de materiais não estruturados, como exemplificado no Baú Brincante, revela como o simples pode ser extraordinário e como os objetos mais comuns podem ser transformados em poderosas ferramentas de aprendizagem.

Por conseguinte, diante das constatações apresentadas aqui, surge a oportunidade de compreender alguns questionamentos: O que ocorre quando damos às crianças a liberdade de criar a partir do simples? Ao permitir que explorem o mundo com materiais não estruturados, o que elas nos revelam? Elas nos mostram que o brincar vai além do entretenimento; ele se torna um processo profundo de descoberta e invenção, no qual qualquer objeto se transforma em uma fonte de aprendizado. Ao proporcionar às crianças a oportunidade de construir conhecimento a partir de sucatas, não apenas ensinamos sobre sustentabilidade, mas também incentivamos um olhar mais atento e criativo sobre o mundo. Portanto, é no simples, no livre e no criativo que residem as maiores transformações pedagógicas capazes de construir um futuro consciente e inovador.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Cristina Maria D’Ávila Teixeira, coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Didática e Ludicidade (GEPEL) e coordenadora geral do projeto Baú Brincante, pela realização desta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- BARROS, M. **Memórias inventadas**: as infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Planeta do Brasil, 2010.
- BOMTEMPO, E. A brincadeira de faz de conta: lugar do simbolismo, da representação, do imaginário. In: TIZUKO, M. (ed.). **Jogos, brinquedo, brincadeira e a educação**. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 63-78.
- BRASIL. Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF,



1999. Disponível em: [http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw\\_Identificacao/lei%209.795-1999?OpenDocument](http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/lei%209.795-1999?OpenDocument). Acesso em: 26 nov. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB nº 1, de 17 de outubro de 2024. Institui as Diretrizes Operacionais Nacionais de Qualidade e Equidade para a Educação Infantil. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p. 40, 22 out. 2024.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**: 20 questões da nossa época. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2021.

BUCKINGHAM, A. Em foco: transformar o lixo num tesouro. **Infância na Europa**, Lisboa, v. 21, p. 31, 2011.

CARDOSO, C. M. **Catadoras do brincar**: o olhar sensível das professoras acerca do brincar livre no ensino fundamental 1 e suas ressonâncias para a profissionalidade docente. 2018. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

DAMAS, I. M. B. **A pertinência da introdução de materiais não estruturados numa sala de JI**. 2023. 148 f. Dissertação (Mestrado) – Escola Superior de Educação, Politécnico de Coimbra, Coimbra, 2023.

FOCHI, P. **Afinal, o que os bebês fazem no berçário?** Comunicação autonomia e saber-fazer de bebês em um contexto de vida coletiva. Porto Alegre: Penso, 2015.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIRARDELLO, G. Imaginação: arte e ciência na infância. **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 2 (65), p. 75-92, 2011.

GOLDSCHMIED, E.; JACKSON, S. **Educação de 0 a 3 anos**: o atendimento em creche. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

KISHIMOTO, T. M. Brinquedos e brincadeiras na educação infantil. *In*: SEMINÁRIO NACIONAL: CURRÍCULO EM MOVIMENTO – PERSPECTIVAS ATUAIS, 1., 2010, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2010.

KISHIMOTO, T. M. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Pioneira, 2003.

KISHIMOTO, T. M.; FREYBERGER, A. **Brinquedos e brincadeiras de creche**: manual de orientação pedagógica. Brasília: Ministério da Educação, 2012.

LIMA, M.; MARTINS, G. F.; ABREU, G. V. S. Características e especificidades do brincar com brinquedos estruturados e não estruturados. **Revista de Psicologia da IMED**, Passo Fundo, v. 13, n. 1, p. 85-104, 2021. DOI: <https://doi.org/10.18256/2175-5027.2021.v13i1.3940>.

LOUV, R. **A última criança na natureza**: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza. 1. ed. São Paulo: Aquariana, 2016.

MACHADO, M. M. **O brinquedo-sucata e a criança**: a importância do brincar; atividades e materiais. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2001. 111p.

MEIRELLES, D. S.; HORN, M. G. S. O brincar heurístico: uma potente abordagem para descoberta do mundo. *In*: ALBUQUERQUE, S. S.; FELIPE, J.; CORSO, L. V. (ed.). **Para pensar a educação infantil em tempos de retrocessos**: lutamos pela educação infantil. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2017. 306 p. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/170729/001054864.pdf?sequenc e=1>. Acesso em: 20 jun. 2025.

OLIVEIRA, M. R. F.; SOUZA, R. H.; ARAÚJO, K. T. Brinquedo sem brincadeira: reflexões sobre a indústria do brincar na infância contemporânea. **Doxa: Revista Brasileira de Psicologia da Educação**, Araraquara, v. 21, n. 1, p. 28-43, 2019. DOI: <https://doi.org/10.30715/doxa.v21i1.13060>.

PIORSKI, G. **Brinquedos do chão**: a natureza, o imaginário e o brincar. São Paulo: Peirópolis, 2016.

SANTOS, C. P.; GOMES, H. A.; IARED, V. G. Vivências das crianças na natureza em um período pandêmico. **Diversa Revista Eletrônica Interdisciplinar**, Matinhos, v. 16, n. 1, p. 184-206, 2023. DOI: <https://doi.org/10.5380/diver.v16i1.89581>.

SEGURA, D. S. B. **Educação ambiental na escola pública**: da curiosidade ingênua à consciência crítica. São Paulo: Annablume: Fapesp, 2001. p. 214-265.

SILVA, A. C. O. Experiências com arte na educação infantil: as crianças e suas ações em torno das materialidades. **Práticas em Educação Infantil**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 4, p. 1-14, 2019.

TERRA, L.; COELHO, M. A. **Geografia geral e geografia do Brasil**: o espaço natural e socioeconômico. São Paulo: Moderna, 2005.

TIRIBA, L. Crianças, natureza e educação infantil. *In*: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 29., 2024, Caxambu, MG. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: ANPED, 2024. Disponível em: <https://anped.org.br/wp-content/uploads/2024/05/gt07-2304.pdf>. Acesso em: 10 set. 2025.

TIRIBA, L. **Educação Infantil como direito e alegria**: em busca de pedagogias ecológicas, populares e libertárias. São Paulo: Paz & Terra, 2018.

---

#### Contribuições dos autores

GOP: Conceitualização (idealização do estudo, definição de perguntas e objetivos); Metodologia (delineamento metodológico da pesquisa); Coleta de dados (execução de experimentos e aplicação

de procedimentos de coleta de dados, como formulários/entrevistas, por exemplo); Análise de dados (interpretação dos resultados e atribuição de significado a partir de quadros teóricos pré-determinados); Escrita (redação do manuscrito original); Preparação visual dos dados (organização visual, elaboração de tabelas, quadros e outros elementos gráficos); Revisão (revisão crítica do manuscrito original e aprovação da versão a ser submetida). MCC: Conceitualização (idealização do estudo, definição de perguntas e objetivos); Metodologia (delineamento metodológico da pesquisa); Análise de dados (interpretação dos resultados e atribuição de significado a partir de quadros teóricos pré-determinados); Administração do projeto (orientação, supervisão ou coordenação); Captação de financiamento (busca de recursos financeiros); Escrita (redação do manuscrito original); Revisão (revisão crítica do manuscrito original e aprovação da versão a ser submetida). AVS: Conceitualização (idealização do estudo, definição de perguntas e objetivos); Metodologia (delineamento metodológico da pesquisa); Coleta de dados (execução de experimentos e aplicação de procedimentos de coleta de dados, como formulários/entrevistas, por exemplo); Análise de dados (interpretação dos resultados e atribuição de significado a partir de quadros teóricos pré-determinados); Escrita (redação do manuscrito original); Preparação visual dos dados (organização visual, elaboração de tabelas, quadros e outros elementos gráficos); Revisão (revisão crítica do manuscrito original e aprovação da versão a ser submetida).

**Editor:** Prof. Dr. José Luís Bizelli

**Editor Adjunto Executivo:** Profa. Dra. Flavia Maria Uehara